## Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

## Conferências

Organizadores
Jorge Fernandes Alves
Pedro Vilas-Boas Tavares

## FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Comemorações do Centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto I Conferências

ORGANIZAÇÃO: Jorge Fernandes Alves e Pedro Vilas-Boas Tavares

EDIÇÃO: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ANO DE EDIÇÃO: 2021

COLEÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Gráfica Firmeza Lda. / Porto

TIRAGEM: 250 exemplares

DEPÓSITO LEGAL:

ISBN: 978-989-8969-74-3

ISSN: 1646-1525

## O DR. LUÍS CARDIM E A PRIMEIRA FACUL DADE DE LETRAS DO PORTO

Luís Alfredo Pires Cardim (n. 1879), último diretor da primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, faleceu em casa, na rua dos Bragas, n.º 137-2.º, a 6 de agosto de 1958. Cerca de 60 anos depois, cruzei-me na Livraria Académica com vários sacos de correspondência sua, adquirida havia já vários anos nessa mesma rua, possivelmente naquela que foi a sua última morada. As cartas foram encontrando comprador na Livraria sem grande dificuldade, sobretudo nos casos em que a passagem dos anos não condenou ao esquecimento o nome do remetente. E não eram poucos esses casos, no que respeita aos professores e alunos que frequentaram a Quinta Amarela e os restantes locais onde esteve instalada aquela admirável e saudosa Escola – Leonardo Coimbra, Hernâni Cidade, Newton de Macedo, Damião Peres, Magalhães Basto e Mendes Correia, apenas para citar alguns dos mais conhecidos professores; e Agostinho da Silva, Adolfo Casais Monteiro, Sant'Anna Dionísio, Armando de Lacerda, Delfim Santos e Salgado Júnior, apenas para equilibrar o número de exemplos pelo lado dos alunos. As condições em que foi criada a nossa primeira FLUP conferiram-lhe um ambiente único na sua época e muito provavelmente irrepetível. Melhor do que qualquer outra pessoa, descreveu--o Salgado Júnior num discurso realizado em encontro de antigos alunos, ao afirmar que "Connosco não faz sentido o velho grito do Estivemos juntos em Garlândia, porque nós não passamos por Garlândia: nós fomos toda a Garlândia enquanto houve Garlândia".

Desgostoso com a dispersão de um património tão interessante para a história da instituição, comecei a adquirir alguma correspondência, depois mais alguma, e ainda mais alguma, até que... acabei por adquirir a totalidade do lote restante. Ao recordar este assunto, quero deixar aqui uma palavra de

agradecimento ao Sr. Nuno Canavez, Homem e Livreiro que muito estimo e admiro, e que com tanta liberalidade me autorizou a vasculhar os armazéns por onde esta documentação se encontrava dispersa. Acho ainda interessante acrescentar que o Sr. Nuno conserva a memória do trato e aparência do Dr. Luís Cardim, apesar do seu falecimento ter ocorrido há já mais de 60 anos, por ser ele visita ocasional da Livraria durante a década de 1950 (o Sr. Nuno Canavez entrou ao serviço da Livraria Académica em 1948, com a idade de 13 anos). A correspondência associada a Luís Cardim estende-se de 1898 a 1936, sem que eu saiba explicar a ausência de cartas posteriores a esta data, que necessariamente existiram, por ter ele vivido ainda mais 22 anos. São cartas de teor pessoal e profissional, as primeiras reveladoras da sua atribulada vida familiar e as segundas sobretudo relacionadas com a sua atividade como professor, primeiro em liceus de Santarém, Setúbal e Lisboa, e depois na Faculdade de Letras do Porto e no Liceu Sampaio Bruno (atual Escola Secundária Carolina Michaëlis), a que se segue a sua atividade na Liga Portuguesa de Profilaxia Social. Trata-se de um espólio com interesse biográfico e histórico, onde se encontram também presentes nomes sem relação direta com a Faculdade de Letras, mas ainda hoje bem conhecidos, como é o caso de Ginestal Machado (correligionário das atividades republicanas de Luís Cardim nos tempos de Santarém e padrinho de Alfredo Cardim, o seu filho mais novo. Ginestal Machado veio a ser ministro de António Granjo e chegou a presidente do ministério durante um dos brevíssimos Governos da Primeira República), Fidelino de Figueiredo, Luís da Câmara Revs e João Lúcio de Azevedo (que era primo de Luís Cardim e foi padrinho da sua filha Ana Cardim); e igualmente exemplos inesperados e esporádicos de nomes não menos importantes, como é o caso de Tristão Bragança da Cunha (um importante ativista anticolonial que ficou conhecido como o "Pai do nacionalismo Goano") e de Manuel Gonçalves Cerejeira (à data colega de Salazar como Professor da Universidade de Coimbra); e ainda, para concluir, de alguns estrangeiros ilustres, como é o caso de Alfonso Par, de Daniel Jones (à data diretor do Departamento de Fonética do University College de Londres e mais tarde presidente da Associação Fonética Internacional), de William James Entwistle (hispanófilo) e do conhecido lusófilo Edgar Prestage (segundo detentor da Cátedra de Camões no King's College de Londres), que tinha evidente consideração por Luís Cardim e pela primeira Faculdade de Letras do Porto.

O conjunto que consegui reunir inclui algumas centenas de cartas que ostentam no remetente nomes importantes, a que se acrescentam muitas outras associadas a personagens felizmente secundárias. E digo "felizmente" porque algumas delas, muito interessantes para apreciarmos os precedentes do enquadramento político em que surgiu e se desenvolveu a Escola, e mesmo os bastidores do seu dia-a-dia e do compulsivo encerramento que prejudicou durante tantos anos o ensino das Humanidades na U.Porto, não teriam possivelmente

chegado às minhas mãos, se tivessem por remetente personagens de primeiro plano. Não há nelas segredos só agora revelados, mas antes uma visão pessoal de acontecimentos e circunstâncias que, mesmo quando bem conhecidos, nos são apresentados à luz da sua época, através de relatos muitas vezes nada imparciais, sem os tradicionais filtros com que a História vai suavizando o contraste da genuinidade. Ora veja o leitor se concorda comigo, lendo alguns excertos:

[Carta de 13-2-1908 a descrever o regicídio, enviada para Londres, onde Luís Cardim permaneceu durante pouco mais de meio ano em viagem de aperfeiçoamento pedagógico; remetida por Augusto Brandão, amigo da família e proprietário de uma alfaiataria na Rua dos Fanqueiros em Lisboa]

À tarde desse mesmo dia 1, chegou o rei com a família de Vila Viçosa, e quando regressava ao palácio das Necessidades, em carruagem descoberta, ao voltar do Terreiro do Paço para a Rua do Arsenal, saíram do meio do povo dois homens, um Alfredo Luís da Costa, caixeiro, armado de revólver, e outro José da Silva dos Reis Buíça, professor, armado de clavina, que desfecharam sobre a carruagem, matando o rei e o filho mais velho, e ficando logo ali mortos pela polícia. Facilmente compreende a confusão que isto causou. Dois dias depois disto, João Franco estava demitido, e logo depois fugia para o estrangeiro, receoso de que pusessem em prática muitas das ameaças que lhe dirigiram, e lá anda foragido e transido de medo, a monte, sem saber onde se esconder.

[Carta não datada de Luís Cardim para a esposa Adélia, certamente do primeiro semestre de 1919, a informar da criação da FLUP; a "Anica" era a filha Ana Cardim, que veio a ser uma das licenciadas da Escola e chefe da sua Secretaria]

Minha flor, (...) No domingo vou aí, talvez eu só, para voltar à noite, a não ser que digas qualquer coisa no sentido de ir também aí a Anica e a criadita. Agora, uma boa notícia... se não houver qualquer... cataclismo: o Coimbra aumentou-nos o vencimento, creio que quase de mais metade do que tínhamos. Julgo que é para começar em julho; até receber o primeiro mês pelo ordenado novo... fico de atalaia... Deus queira que não surja nenhum obstáculo – nem que encareça mais a vida, porque então ficávamos na mesma. Quanto às Universidades, vai uma grande baralhada. Eu quase que já estou com medo que saia qualquer coisa. Mas seja o que Deus quiser. Isto é que é um país bulhento! Safa! É já demais, demais, demais!

[Carta de 13-8-1924 remetida por Hernâni Cidade, relativa à "polémica Homem Cristo"] O Agostinho Fortes sindicante da Faculdade! Merda! Não há ninguém no professorado português, mais contrassindicado do que esse safardana, contra quem entre os próprios colegas de Lisboa correm as mais comprometedoras afirmações. Mas o Leonardo não podia pedir ao Ministro que nos mandasse sindicar por um homem honrado? Estamos então assim tão abaixo que tenhamos que ser julgados pela bitola moral dum autêntico imoralão? Muito mais do que uma sindicância feita por virtude dos artigos de um doido, nos humilha uma sindicância feita pelo juízo dum safado. O Leonardo que evite a nomeação do Fortes. Basta que diga ao Ministro se informe perante os homens honrados da Faculdade de Letras de Lisboa se o Fortes tem categoria moral para julgar na Boa Hora, quanto mais para nos julgar a nós. Estúpida situação esta nossa que está à mercê de todos os insultos – todos! – até este de sermos julgados por esse gajo! Oxalá o H. C. volte à Faculdade. Oxalá! Para que duma vez para sempre eu possa sair do saguão para onde a vizinhança atira toda a trampa.

[Carta de 9-4-1928 remetida por Carlos Coque, que julgo ser o pai da aluna Alina del Negro Coque, implicado na revolução de 1927, em que estiveram também envolvidos outros alunos da FLUP]

De prisão em prisão aqui vim parar. Uns dizem que embarcaremos para a África; outros afirmam que não. Os tormentos que tenho passado, assemelham-se aos que se aplicavam na Santa Inquisição. Nove dias incomunicável nas salas da Polícia de Informação (...) obrigaram-me a andar a pé 20 horas seguidas, sem parar, sem dormir, sem descansar, enfim. Três vezes caí no chão. A mão esquerda inchou, porque eu agarrava-me às paredes e aos frisos das portas para arrastar os pés. (...) Esta carta tem um fim único, meu caro Doutor. É a Alina, é a Alda que eu tenho no pensamento. (...) Meu querido doutor, peço-lhe que as proteja. A sua proteção agora é que é mais precisa às pobres pequenas do que nunca. Eu abençoarei a sua memória, meu querido amigo. Peça também aos seus colegas, sim? Então a Faculdade fechada! Parece impossível! O futuro há de repor tudo no seu lugar. Eu naturalmente é que não verei chegar essa hora, porque o clima de África acabará comigo mais depressa que os meus perseguidores.

[Carta não datada de Luís Cardim para a filha, certamente de 1928, sobre a extinção da FLUP] Estamos finalmente «extinguidos» — a quatro meses de prazo. E os professores serão colocados «segundo as suas habilitações[»]. Interpretando isto à letra, creio que, sem falar com o Mendes Correia, em rigor talvez só o Peres tenha direito a ser colocado noutra universidade, e talvez também o Leonardo, visto ter sido nomeado por distinção. Em todo o caso, quem está pior sou eu, o T. Rego e o Nobre. Os que têm algum bacharelato de Letras talvez possam ficar.

[Carta de 23-9-1931 remetida por Ana Cardim, sobre as medidas tomadas após o fecho da Faculdade]

Não sei se o Raul [chefe do "pessoal menor" da FLUP] lhe disse que o que deixei sobre a sua secretária era para o Pai terminar [sic] o destino a dar-lhe. Guardam-se as folhas de ponto? E os livros que estão numa estante da secretaria que eram dos exercícios orais? O melhor é queimarem-se visto que todos os outros se têm queimado. Dentro das gavetas das estantes da Secretaria há exercícios escritos e dissertações. Guardam-se? Queimam-se como as anteriores? Das dissertações de licenciatura que estão no seu gabinete também não há inventário. Mas elas não estão completas, têm faltado algumas.

[Carta não datada de Leonardo Coimbra, certamente de 1931, reveladora do seu desejo de continuar, com condições, a lecionar na U.Porto]

Agradeço-lhe muito o seu carinhoso cuidado. Agora deixe-me falar-lhe oficialmente: ao diretor da extinta faculdade. Parecia-me bem que o diretor dissesse ao Reitor da Universidade que existe um prof. catedrático da antiga faculdade e catedrático de psicologia experimental e que esse professor deseja ver que não lhe impossibilitam o ensino. Assim, ou o colocam nessa cadeira ou abrem concurso (o que é preferível) deixando-o concorrer. A um concurso nessas condições, isto é, para uma faculdade de outra natureza, eu iria de bom gosto, sem ver nisso vergonha, humilhação ou traição para os colegas. Mas só nessas condições o faria, pois o resto sempre o julguei traição e falta de dignidade profissional.

[Carta de 27-9-1931 remetida por Agostinho da Silva, onde se evidencia o apreço que votava à sua *alma mater*]

Acabo de receber o livro de V. Ex.ª cuja oferta e penhorante dedicatória muito e muito agradeço [pela data, deve tratar-se do «Shakespeare e o drama inglês»]. Imediatamente o li e com toda a sinceridade envio a V. Ex.ª o mais respeitoso abraço de felicitações. (...) obras assim dão plenamente a certeza de que um dia a Faculdade será apreciada com inteira justiça e de novo se levantará; por mim, cada vez me sinto mais honrado por ter sido aluno dela.

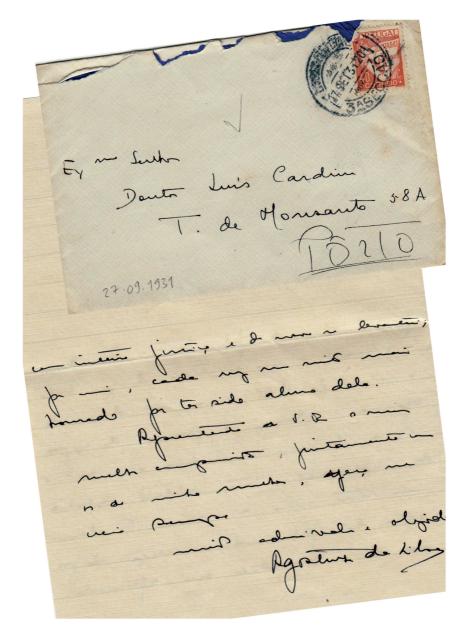
[Carta de 2-1-1936 remetida por Hernâni Cidade, reveladora da sua má relação com Leonardo Coimbra]

A notícia da morte do Leonardo, nas condições horríveis que o Newton agora me descreveu e eu não vi nos jornais, porque mal os leio, quando os leio, impressionou-me muito. Coitado! Telegrafei à família os meus sentimentos. Contento-me com isso. Pedir-lhe a V. que me represente no funeral, acho que é demais para as relações que tínhamos e para os seus motivos, que ele a cada passo repetia. Isto não é ressentimento. É apenas a natural distinção que nem a morte pode apagar entre aqueles de quem somos amigos e aqueles de quem o não somos.

Não é, no entanto, apenas a relevância do nome do remetente, ou do acontecimento histórico nelas relatado, que torna interessantes algumas destas cartas. Veja-se o seguinte exemplo onde o drama da emigração, com os filhos pequenos deixados em Portugal, e ainda a escrita a rogo, concorrem para evidenciar a hereditariedade da pobreza no Portugal dos anos 1920 (a filha Emília ficara a servir no Porto, o filho António fora aceite nas Oficinas de S. José):

[Carta de 14-11-1927 enviada a Ana Cardim por Amélia de Carvalho, uma mulher pobre da Lixa, que emigrou para o Rio de Janeiro e encontrou trabalho no bairro do Encantado] Hoje mesmo mando lançar a mão na pena para saber de sua saúde (...). Não esquecendo da minha filha nem o meu filho, graças a Deus tive muito boa viagem e estou com saúde felizmente, peço à menina, pela sua boa sorte, que olhe para os meus filhos, que não se esqueça de recomendar ao António para estudar, (...) que um dia se puder o mando vir para essa terra, (...) ainda não sei quando será, mas é para o animar, (...) a menina não se esqueça quando puder dar umas lições à Emília, que eu sei a falta que me faz, se eu soubesse escrever, escrevia logo que aqui cheguei e assim é só quando tenho quem me escreva. (...) António (...) peço-te que me escrevas e que me mandes dizer se já aprendeste muito na arte em que te ocupam, peço-te que faças por aprender bem e faças por ser sempre um bom menino (...)".

Considerando o possível interesse para a história da FLUP e do seu tempo, achei que valeria a pena promover a divulgação deste espólio. A forma mais interessante de o fazer, na minha opinião, seria disponibilizar a digitalização integral dos principais documentos, bem como a transcrição dos seus excertos mais interessantes, de modo a facilitar a pesquisa. Vi-me assim confrontado com duas tarefas de vulto – a digitalização de um grande volume de documentos e a seleção e transcrição das suas partes principais. A curiosidade despertada por esta viagem ao passado, ainda por cima a um passado que é também nosso por afinidade, facilitou e tornou agradável esse trabalho, fazendo esquecer as horas nele gastas. E que melhor altura poderia haver para o efeito, senão o ano em que se celebrou o centenário da criação dessa memorável instituição? O site que o leitor pode visitar em http://bit.ly/luiscardim (ou pesquisando pelo título que encabeça este trabalho, se a volatilidade dos nomes ditar a caducidade daquele endereço...) é assim também uma homenagem pessoal, mesmo que modesta, a essa festa académica que foi a primeira FLUP e que, apesar da sua morte precoce, teve enorme influência na vida cultural portuense e deixou uma marca indelével na cultura portuguesa do século XX.



Parecia une hem fre diretor direme as Beilir de Minnervillede gur existé a prof. catadactico de antifaculdede a actidada de pricologie ogheimental e que ene profenor deseje ner himillies on traiges from no condición o faria, pois o vesto respec o preprier trailer a felle de dipoilede profisional. the along do sen Jamando Co

O DR. LUÍS CARDIM E A PRIMEIRA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO José Manuel Martins Ferreira  $oldsymbol{1}$   $\mathbb{R}$